

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA  
DIVISÃO DE ENSINO

ANDRÉ FELIPE DA SILVA DE SIQUEIRA

**GUERRA FRIA: O MUNDO À BEIRA DO COLAPSO?**

Pirassununga  
2018

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA  
DIVISÃO DE ENSINO

ANDRÉ FELIPE DA SILVA DE SIQUEIRA

**GUERRA FRIA: O MUNDO À BEIRA DO COLAPSO?**

Trabalho Monográfico apresentado no curso  
de Formação de Oficiais Intendentes da  
Academia da Força Aérea – AFA  
Orientador (a): 2º TEN QOCON MHS Juliana  
Bulgarelli

Pirassununga  
2018

ANDRÉ FELIPE DA SILVA DE SIQUEIRA

**GUERRA FRIA: O MUNDO À BEIRA DO COLAPSO?**

Trabalho Monográfico apresentado no curso  
de Formação de Oficiais Intendentes da  
Academia da Força Aérea – AFA

Data de aprovação: 25/OUT/2018.

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: 2º Ten QOCON MHS Juliana Bulgarelli

---

Membro Titular: 1º Ten QOCON MHS Carolina Fuzaro Bercho

---

Membro Titular: 1º Ten QOCON MOS Arethuzá Helena Zero

Local: Divisão de Ensino  
Academia da Força Aérea  
Pirassununga

## DEDICATÓRIA

Dedico a conclusão deste trabalho aos meus pais, familiares e amigos, que sempre estiveram presentes nos momentos difíceis e que me deram forças para seguir em frente na vida.

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço:

- Primeiramente à Deus pela oportunidade de estar aqui hoje na AFA realizando meu sonho de me tornar oficial da Força Aérea e ser orgulho da minha família, além de ser referência de que é possível para outras pessoas, que não se consideravam capazes de alcançar seus sonhos.
- Aos meus pais, por me estarem sempre me incentivando para dar o melhor de mim e estudar para ser alguém na vida. Sem vocês, eu nada seria.
- Às minhas avós, uma delas que não está mais conosco para ver o netinho dela, mas que com certeza deve estar orgulhosa, onde quer que ela esteja e a minha outra vó que sempre está orando por mim e com certeza suas boas energias estão sempre me apoiando para seguir em frente a cada dia.
- À Doutrina Espírita, pois o que sou hoje é graças aos ensinamentos que recebi nela, obrigado a todos os meus amigos da religião que sempre me incentivaram a seguir em frente e me apoiam quando eu mais precisava.
- À minha família toda, que sempre está torcendo por mim e tenta de todas as maneiras me ajudar em tudo que é possível, amo muito vocês.
- À minha orientadora que vem trabalhando comigo e controlando meus impulsos de querer abraçar o mundo e fazer uma monografia com vários objetivos diferentes, que seria impossível de terminar nesse tempo.
- À minha revisora, vulgo minha mãe, que tem a mão pesadíssima, mas sei que é porque ela sabe que sou capaz de fazer coisas boas.
- Ao meu pai, que com o seu jeitinho sempre me motivou a continuar sempre e fazer o melhor, que está ao meu alcance e seguir em frente apesar dos obstáculos.
- Ao meu amorzinho, que desde pequena me perturba e desliga meu videogame para eu estudar.

Obrigado a todos vocês, por fazerem eu ser quem sou hoje. Se um dia, eu for alguém bem-sucedido é por vocês que cunharam o ser humano que sou hoje. Muito obrigado



## EPÍGRAFE

“Um povo que não conhece a sua história  
está condenado a repeti-la.”

Edmund Burke.

## RESUMO

O seguinte trabalho monográfico trata do período da Guerra Fria, tratando da política anticomunista empreendida pelos americanos, sobre os acontecimentos desse período. A monografia tratou sobre a ameaça comunista, se ela realmente existiu, quem a criou, de onde surgiu essa ideia e quais suas influências na política internacional dos anos pós Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Kennan. Longo Telegrama. Propaganda Anticomunista. Política Externa.**

## **ABSTRACT**

The following monographic work deals with the period of the Cold War, dealing with the anticommunist politics undertaken by the Americans in the events of that period. The monograph dealt with the communist threat, whether it really existed, who created it, where it came from, and what influences it in international politics in the post-World War II years

**Keywords: World War II. Kennan. Long Telegram. Anti-communist propaganda. Foreign policy.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Braço de Ferro.....                   | 18 |
| Figura 2 – Corrida Armamentista.....             | 22 |
| Figura 3 – Lênin.....                            | 23 |
| Figura 4 – Teoria do Dominó.....                 | 29 |
| Figura 5 – O <i>iceberg</i> vermelho.....        | 29 |
| Figura 6 – Stalin vs Plano <i>Marshall</i> ..... | 30 |
| Figura 7 – Plano <i>Marshall</i> e Europa.....   | 31 |
| Figura 8 – Como o comunismo funciona?.....       | 32 |
| Figura 9 – Propaganda Americana.....             | 34 |

## LISTA DE SIGLAS (ABREVIATURAS)

|           |   |
|-----------|---|
| AFA       | Academia da Força Aérea                                       |
| CFOAV     | Curso de Formação de Oficiais Aviadores                       |
| CFOINT    | Curso de Formação de Oficiais Intendentes                     |
| CFOINF    | Curso de Formação de Oficiais de Infantaria                   |
| COMINFORM | Escritório de Informações dos Partidos Comunistas e Operários |
| EUA       | Estados Unidos da América                                     |
| FAB       | Força Aérea Brasileira  |
| MAD       | <i>Mutual Assured Destruction</i>                             |
| MHS       | Magistério de História  |
| NASA      | Agência Espacial Americana                                    |
| QOCON     | Quadro de Oficiais Convocados                                 |
| URSS      | União das Repúblicas Soviéticas                               |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. O INÍCIO DE UMA ERA: A BIPOLARIZAÇÃO DO MUNDO..... | 10 |
| 2. SURGIMENTO DAS POTÊNCIAS .....                     | 16 |
| 2.1 Nascimento da rivalidade.....                     | 16 |
| 2.2 Ecos da Segunda Guerra .....                      | 19 |
| 2.3 Expansão comunista.....                           | 22 |
| 2.4 Kennan: A justificativa americana.....            | 24 |
| 2.5 Planos Econômicos .....                           | 28 |
| 2.6 A propaganda antissoviética.....                  | 32 |
| 3. CONCLUSÃO.....                                     | 37 |
| REFERÊNCIAS.....                                      | 39 |

## 1. O INÍCIO DE UMA ERA: A BIPOLARIZAÇÃO DO MUNDO

O ano de 1947 foi o marco do início da Guerra Fria, um conflito de maior viés ideológico que militar, pois em seu cerne estavam divergências entre pensamentos políticos, sistemas de governo e áreas de influência em vez de um embate militar propriamente dito.

Os desentendimentos entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA) marcaram os anos do pós-Segunda Guerra Mundial, uma vez que envolveram praticamente todas as regiões do mundo em sua luta pela prevalência de seus regimes.

A Guerra Fria foi tratada por diversos autores tendo a maioria deles chegado à conclusão que as raízes do conflito eram muito mais antigas que a 2ª Guerra em si, remontando à época anterior a Primeira Guerra Mundial.

A guerra fria é um resultado de um processo de agitações que vem ocorrendo desde a 1ª guerra mundial, pois sem ela, a revolução comunista não teria ocorrido e, portanto, não teria surgido a URSS posteriormente. (BLAINEY, 2004).

A revolução Russa de 1917 foi resultado de um levante da sociedade contra os czares russos. Nesse movimento, a sociedade toma o poder e institui um novo estilo de governo, o Comunismo. Esta nova ideologia trouxe para o mundo uma dualidade, pois ela se apresenta como concorrente ao capitalismo.

Os acontecimentos antecedentes ao início deste período, corroboraram para que se chegasse até o marco introdutório do conflito que foi a Doutrina Truman, política responsável pelo acirramento dos ânimos entre capitalistas e comunistas representados respectivamente por EUA e URSS. Ambos os países emergiram no final da Segunda Guerra como as grandes potências mundiais que passaram a dividir o mundo em duas esferas de influência político-econômica.

O extrato abaixo retirado do livro de Demétrio Magnoli explicita a relação entre os americanos e os europeus no pós-guerra.

A Guerra Fria havia sido deflagrada em março de 1947, quando Truman anunciou a estratégia americana de “contenção” da União Soviética. Mas a Doutrina Truman, como ficaria conhecida, tinha por referência a Europa, não a Ásia. O Plano Marshall, apresentado poucos meses depois, destinava-se a soldar a unidade entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental, na conjuntura de enrijecimento dos blocos antagônicos na Europa. (MAGNOLI, 2006, p.397).

A doutrina Truman pregava a influência e atitudes americanas em todo o mundo, para impedir a expansão da alegada influência comunista. As

movimentações americanas contra o estilo de governo soviético promoveram o acirramento das relações entre EUA e URSS.

Como citado por Magnoli (2006), o planejamento da doutrina enunciada por Harry S. Truman, então presidente americano, tinha foco nos países europeus. O velho continente foi pensado como o centro dessa política, pois existia necessidade de formar fortes laços de dependência entre EUA e Europa, principalmente devido as dívidas europeias contraídas durante o esforço de guerra.

O enfoque no continente Europeu levou ao sucesso da doutrina nesta região. A doutrina foi adaptada para o continente asiático, porém a mesma não foi pensada para essa região, implicando em adaptações para que se pudesse aplica-la. A necessidade de se fidelizar a Ásia ao capitalismo americano surgiu do fim do pacto colonial entre colônias e as potências europeias. A recente independência desses países criou um novo mercado consumidor inexplorado que os americanos gostariam de explorar, portanto, não era positivo perder esse potencial de geração de recursos para os soviéticos.

Voltando ao continente europeu, o mesmo passou a sentir os efeitos do apoio econômico americano antes mesmo do fim da guerra, quando os recursos começaram a ser recebidos e as cidades serem reconstruídas. A queda da Alemanha representou o início da influência americana na região, porém a Segunda Guerra se arrastou por mais algum tempo na Ásia.

Nos últimos anos do conflito citado, o inimigo restante dos aliados era o Japão, que não cogitava a rendição lutando até o último homem nas ilhas no pacífico. A solução para o problema japonês, surgiu dos EUA que decidiram utilizar as recentes armas de destruição em massa, as bombas atômicas *Fatman* e *Littleboy*. O emprego delas em cidades japonesas representou o início da corrida armamentista e o fim da Segunda Guerra Mundial devido a capitulação japonesa.

A construção e o lançamento de bombas atômicas, segundo Xavier (2010) era um monopólio americano. A utilização das mesmas sobre o território japonês levou a capitulação e, por conseguinte ao fim do conflito. A utilização desta arma foi um recado americano para as superpotências restantes as quais prontamente perceberam a importância da nova tecnologia e passaram a dedicar esforços para a conquista do armamento.

A URSS, principal rival americana nos anos subsequentes ao término da Segunda Guerra Mundial, determinou o início das pesquisas sobre tecnologia nuclear alcançando sucesso em 1949 com sua primeira detonação.

Stalin, então, priorizou o projeto atômico soviético e destinou recursos praticamente ilimitados para a construção da bomba, apesar da situação econômica do país estar caótica. Com tal orientação, mais a presença de cientistas de grande capacidade intelectual (como Andriêi Sákharov e do cientista-chefe do projeto atômico soviético, Igor Kurchatov), além da eficiência da sua espionagem (que forneceu dados precisos sobre o “Projeto Manhattan”), os soviéticos aceleraram a construção da sua bomba atômica, que foi testada com sucesso em 29 de agosto de 1949. (HOLLOWAY, 1997 apud BIAGI, 2001, p.28)

O extrato exemplifica os esforços soviéticos para obtenção das armas nucleares que representavam sua sobrevivência e poder de barganha nas negociações do século XX, apesar de deixar de lado outras áreas do desenvolvimento do país.

A bomba atômica tornou-se prioridade para os soviéticos, pois deter esta arma significava fazer frente ao poderio militar dos Estados Unidos. Esta tecnologia era usada como meio propaganda e como dissuasão pelos americanos e soviéticos, usando a mesma para impor suas vontades ao redor do mundo e evitar um conflito entre eles.

A entrada soviética na era nuclear deu início à disputa pela hegemonia mundial, tendo em vista que tanto o comunismo quanto o capitalismo, acreditavam ser a melhor forma de governo e excluir o adversário era a chave da sobrevivência de ambos os sistemas.

As potências entendiam essa necessidade devido aos interesses das mesmas. Os EUA viam o comunismo como uma possível perda de influência econômica e perda de possíveis mercados consumidores. Já a URSS entendia que um avanço do capitalismo era uma ameaça a sua segurança.

EUA e URSS, em suma, tinham sérias desavenças devido à assuntos como estilo de governo, sistema econômico e ainda rugas relacionadas à desacordos pertinentes aos espólios relacionados à 2º Guerra Mundial.

Durante o período compreendido entre 1947 e 1991, tempo entre o início e o fim do conflito, as desavenças entres as superpotências afloraram e tornaram-se um dos principais motivos para a tensão mundial. O auge dessa

competição foi o documento enviado por um funcionário da embaixada americana em Moscou, George F. Kennan.

O “Longo Telegrama” tratava sobre a sociedade soviética, um olhar americano sobre como os soviéticos enxergavam a si mesmos, continha sugestões de como sobrepujar os “vermelhos”, apelido dado os comunistas pelos estadunidenses, na disputa pela hegemonia mundial.

O documento de Kennan continha informações importantes sobre a cultura soviética, portanto, foi utilizado como principal justificativa dos governos americanos para suas atitudes durante a Guerra Fria. O telegrama foi utilizado para justificar a política externa americana e suas atitudes por vezes impopulares. O resultado foi surgimento da Doutrina Truman, que contemplava o combate contra o avanço do comunismo, e do Plano Marshall, plano de recuperação econômica da Europa.

As interferências americanas na política interna de diversos países, como a Coréia e o Vietnã, foram impopulares na sociedade estadunidense. Um grande exemplo foi a guerra do Vietnã. A perda do apoio popular nos EUA se deu em grande parte devido ao movimento *Hippie*, que estava em seu auge e influenciava os jovens americanos a entender o conflito vietnamita negativamente. O principal motivador devido foi não encontrar os ideais dos EUA nele, por exemplo: liberalismo e defesa da democracia, naquela guerra.

O método de combate à impopularidade foi justificar que os americanos tinham o dever de garantir o triunfo do capitalismo em todo o mundo e a garantia da democracia como sistema de governo.

As ideias apresentadas até aqui, nos leva ao início do que será discutido nessa monografia, como problema central dessa monografia será “ A expansão do comunismo realmente existiu?

Por isso a ideia levantada para este trabalho é de que o expansionismo comunista, foi uma criação do governo americano, que se aproveitava dessa situação para justificar suas ações interna e externamente.

O objetivo específico é analisar artigos, livros e documentos, como por exemplo, charges e artigos da época, que fazem menção ao período de tempo enquadrado entre 1947 e 1991.

O trabalho se justifica pela necessidade de se conhecer a história do mundo e seus conflitos para entender o contexto geopolítico que o militar está

inserido, tendo como base a frase: “Aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” (SANTAYANA, 1905).

Os militares, que segundo Clausewitz, são os responsáveis pelas relações externas de um país após o esgotamento das opções diplomáticas. A guerra é para o autor um prolongamento da política por outros meios. Tendo posto a ideia acima é necessário que os militares tenham conhecimento acerca das relações políticas entre os países do mundo.

Quando a diplomacia não tem solução para um desacordo, os militares precisam agir para garantir a prevalência dos interesses da nação.

Empreender o objetivo acima proposto, é relevante pois é necessário que os militares conheçam seus aliados e adversários, assim como os motivos para tal posição, entendendo a influência da história na geopolítica atual.

Conhecer o recente contexto geopolítico do mundo é importante para que saibamos a posição do Brasil e a sua relação com o mundo. Os atuais e futuros líderes da Força Aérea poderão então tomar decisões acertadas sobre alianças de defesa e parcerias em projetos estratégicos.

O presente trabalho monográfico tratará sobre o período da Guerra Fria, utilizando de livros, artigos e monografias de autores que tratem do assunto, aplicando uma metodologia qualitativa. A monografia terá ênfase aos escritores que relacionem a Doutrina Truman, Plano Marshall ao imaginário da ameaça de conflito bélico dessa época.

Trataremos também do imaginário da ameaça expansionista soviética, sendo ela por difusão de ideais ou por apoio a revoluções locais, de modo que se possa entender sua existência e quais são os reflexos causados na sociedade americana e em sua política interna e externa.

Autores como Hobsbawn (1995), Magnoli (2006) e Blainey (2004) já discorreram sobre os acontecimentos da Guerra Fria, tratando do assunto tanto pelo viés político quanto pelo militar.

A formulação caracterizava um eventual ataque militar a qualquer membro da aliança como um ataque a todos os seus membros, e firmava o compromisso de reação conjunta e automática. Assim, no plano estratégico, os territórios dos aliados europeus passavam a se identificar com o território americano. (MAGNOLI, 2004, p. 152).

Nessa passagem, Magnoli exemplifica o cenário de alianças que os EUA estavam propondo à Europa, essas ações orientadas pela Doutrina Truman que pregava a contenção da expansão comunista.

Segundo BLAINEY (2004), a Guerra Fria tem suas raízes fincadas em outros conflitos anteriores, os quais permitiram o cultivo de um terreno fértil para seu desenvolvimento. O conflito foi um grande período de tensões, que ajudaram a determinar o mundo atual, portanto, conhecer a história dos conflitos modernos é importante para os futuros líderes da FAB, que necessitam ter consciência sobre o mundo onde estão inseridos e ter condições de tecer hipóteses acerca das situações que venham a se apresentar para os mesmos

A pesquisa realizada neste trabalho pode ser classificada como explicativa, pois o objetivo de identificar os fatores para a criação do imaginário da ameaça soviética e como e por que essa imagem foi criada.

Quanto à metodologia o trabalho em mãos faz uma retrospectiva histórica por meio de uma revisão bibliográfica, justificando o método pela capacidade de fazer o militar conhecer parte do passado do mundo ao qual pertence e assim entender o contexto geopolítico inserido.

Enquanto procedimento, este trabalho realizar-se-á por meio de observação qualitativa, pois o objetivo era apenas entender os motivos e não os quantificar. A monografia utilizar-se-á de pesquisas bibliográficas, que permitiram discorrer sobre as motivações na criação do imaginário da ameaça além de permitir a discussão sobre as condições dessa imagem se realizar ou não.

## 2. SURGIMENTO DAS POTÊNCIAS

### 2.1 Nascimento da rivalidade

Entender o mundo antes da Segunda Guerra é importante para reconhecer as diferenças entre a nova ordem mundial e a antiga. O mundo antes do conflito era multipolar, pois existiam diversos impérios na Europa com suas ramificações espalhadas pelo mundo e isso refletiu na distribuição de poder entre os atores do cenário mundial.

O equilíbrio de poderes, presente na fase pré-conflito, foi rompido após a guerra, culminando em um período de polarização mundial que resultou em uma corrida pelo domínio ideológico do mundo.

Durante quarenta e seis anos, o mundo ficou bipolarizado, a União Soviética e os Estados Unidos, com seus regimes antagônicos, comunismo de um lado e capitalismo de outro, respectivamente, eram as superpotências do século XX, e travaram uma contra a outra, e contra os blocos adversários que se formaram, uma guerra de ordem tecnológica e geopolítica, sem, contudo, usarem qualquer arma nuclear. O medo de uma reação adversária maior fez com que o poder bélico tenha se tornado coadjuvante nesta época de beligerância. (XAVIER, 2010, p. 1-2)

Ao término da guerra despontaram-se duas grandes ideologias, socialismo e capitalismo. O primeiro surge como uma espécie de esperança em um mundo melhor, teve sua origem na Revolução Russa de 1917 a qual buscava uma divisão de direitos igualitária entre as camadas da sociedade. O socialismo passou a ser uma opção ao capitalismo, pois segundo Xavier (2010), o sistema adotado pelos americanos passava por intensas crises econômicas, e ainda segundo o autor, a imagem da URSS era de grande sucesso econômico, devido a sua independência de recursos externos.

Já o capitalismo, segundo Vasconcellos e Mansani em seu artigo publicado em 2013 e Xavier (2010) no seu texto “Episódios da Guerra Fria: Seu Início, Meio e Fim”, esteve presente na sociedade mundial desde os primórdios, sendo sempre o sistema de governo dominante no mundo. O sistema prega a troca entre recursos, resultando num inevitável acúmulo de riquezas por uma pequena parte da população, enquanto o restante fica sem os recursos necessários para a sua vida. A desigualdade, portanto, é um marco desse sistema.

No período entre guerras até o pós-Segunda Guerra, a Europa passou por grandes dificuldades econômicas. As lavouras, as fábricas, praticamente

todas as fontes de riqueza do continente, tinham sido destruídas durante os conflitos, restando aos europeus solicitarem ajuda aos americanos. A assistência financeira estadunidense veio para reerguer a Europa, porém a contrapartida foi: os europeus tornarem-se “reféns” dos americanos que passaram a tomar decisões e definir os rumos dos países europeus.

As dívidas da Europa com os EUA foram se acumulando desde a Primeira Guerra Mundial, quando os europeus compravam matéria-prima e armamentos para o esforço de guerra. O advento da Segunda Guerra intensificou ainda mais a dependência europeia, pois muitos dos países ainda se recuperavam dos danos do combate anterior e já se viam envolvidos em um novo embate. Além do curto período de tempo entres os embates, nos anos entre guerras, a economia, segundo HOBBSAWN (1995) vinha sofrendo uma depressão, principalmente devido ao protecionismo econômico e pela autossuficiência dos países, que passaram a investir em si mesmo, dificultando o comércio mundial. Os EUA que precisavam escoar sua produção excedente se via com problemas de superprodução e conseqüente queda de preços.

Os EUA tinham dedicado sua economia ao esforço de guerra, comerciando armas, equipamentos e matérias-primas para todos seus aliados. O resultado desse comércio foi que os europeus foi a grande dívida financeira com os americanos.

As sociedades europeias estavam muito insatisfeitas, por se encontrar em uma Europa arrasada pela guerra com sua economia devastada e dependente dos americanos, ao passo que assistiam seus impérios alcançarem sua independência. Segundo Biagi (2001), essas condições eram terreno fértil para o crescimento do comunismo na sociedade europeia, pois este era encarado como a solução para os problemas sociais encarados nesse período.

A possível expansão do pensamento comunista era uma ameaça aos americanos, pois entendiam que caso um país se tornasse comunista, ele não honraria sua dívida. Para Magnolli (2004), os partidos de esquerda começaram a ganhar força na Europa devido à fraqueza econômica dos países da região. Tendo em vista que, caso as nações se alinhassem à URSS, elas passariam a contar com seu apoio e proteção, as dívidas da guerra com os americanos seriam ignoradas.

O panorama das condições sociais e econômicas da Europa durante esse período ajuda a explicar o porquê das atitudes americanas nesse continente.

Retornando ao término da Segunda Guerra, que foi marcado pela rendição do Japão perante as armas de destruição em massa americanas. O uso das bombas nucleares, em território Japonês, revelou os interesses americanos no mundo, em deter a hegemonia política mundial e salvaguardar seus interesses ao redor do globo.

Durante o período da Guerra Fria, a rivalidade entre os regimes capitalista e socialista foi um dos grandes geradores da bipolarização mundial. A competição entre eles se dava por divergências sócio-políticas, além de que a tecnologia nuclear, a qual apenas os americanos tinham controle representava ameaça à segurança da URSS.

A União Soviética temerosa acerca de seu futuro passou, por intermédio de seu líder, Stalin, a investir todos os esforços da nação para a confecção da arma atômica, pois ter esse artefato iria igualar a URSS aos EUA na capacidade militar, por conseguinte permitir negociações mais igualitárias entre as potências no âmbito mundial.

O mundo passa, nesse momento, a ter duas potências com poder para a destruição do planeta, começando a tensão mundial acerca do uso de armas nucleares.



Figura 1 Braço de ferro  
Fonte: *The cold war info*, 2010.

A imagem acima representa o conceito *Mutual Assured Destruction* (MAD). Nela podemos perceber que ambos os personagens estão em um

equilíbrio ténue, devido aos seus arsenais nucleares. Há também na imagem a figura dos botões, que se encontra perto dos dedos de ambos os presidentes. A proximidade aos botões representa que as nações estavam de prontidão para o revide frente a qualquer ação do inimigo.

Vale ressaltar também a diferença de esforço entre os líderes das nações, o líder soviético é representado com muito mais suor em volta do rosto, o que pode demonstrar que para a URSS, manter o equilíbrio era mais difícil do que para os EUA. Isso se dá devido as condições econômicas e tecnológicas da união soviética, que se encontrava mais prejudicada que as americanas. Segundo NYE (2015), a diferença entre as economias era brutal nos primeiros anos da guerra fria, onde o PIB estadunidense representava 50% do Mundial e a URSS ainda se recuperava da guerra em seu território.

Os Estados Unidos por ter uma economia mais forte e representativa mundialmente tinha uma maior facilidade de investir em suas forças armadas, sem causar danos em outras áreas da sociedade, entretanto, a URSS não tinha a mesma capacidade e investia na área militar em detrimento de outras.

A solução encontrada para resolver as diferenças, foi meios diplomáticos e do uso de armas não nucleares por seus países periféricos, como por exemplo o Vietnã, porém as potências nunca se enfrentaram diretamente.

O Vietnã é um país do sudeste asiático, que teve seu território dividido em dois. A parte Norte tinha apoio da URSS enquanto o Sul era apoiado pelos EUA.

No âmbito da Guerra Fria, o conflito vietnamita representou claramente uma guerra de procuração, onde URSS e EUA se enfrentavam indiretamente por meio de seus aliados. Os americanos dedicaram seus esforços nessa guerra, principalmente devido a crença na teoria do domínio, que será explicada futuramente neste mesmo trabalho.

## **2.2 Ecos da Segunda Guerra**

A economia europeia ao fim da Segunda Guerra mundial estava seriamente prejudicada pelos embates em território europeu, porém os americanos não tinham sido atingidos em seu território continental. A ausência de embates em solo americano permitiu que as fábricas estivessem em condições de produção máxima.

As indústrias americanas, as quais passaram a guerra sem danos, permitiu aos americanos suprir as necessidades de material de todo o globo, principalmente na Europa e Japão, se tornando um grande credor mundial e fornecedor de diversos itens industrializados.

A Europa fragilizada e os Estados Unidos fortificados representavam a oportunidade para que os americanos buscassem se tornar os grandes influenciadores mundiais. O domínio americano sobre a Europa se deu de forma econômica, cultural e pelo seu poderio militar, não por meio de ocupação e sim por alianças militares.

Como citado anteriormente, a frágil situação dos países europeus juntamente ao surgimento dos ideais comunistas tornou a Europa, um foco de revoluções de cunho comunista que poderia levar toda a Europa para a área de influência soviética (HOBBSAWN, 1995, p. 228). Podendo gerar um grande calote na dívida, que resultaria numa nova crise econômica americana.

Diferentemente dos EUA, a URSS, saiu da 2ª Guerra Mundial com sua indústria muito destruída e enfraquecida (XAVIER, 2010; VASCONCELLOS e MANSANI, 2013 e MUNHOZ, 2012). Apesar da diferença entre as economias de EUA e URSS ser muito grande, na questão de poderio militar, as duas potências foram comparáveis por quarenta anos (NYE, 2015).

A economia planificada soviética unida a liderança de Stalin levou ao desenvolvimento da área militar soviética em detrimento de outras áreas, como o desenvolvimento social. O avanço setorializado se deu basicamente por necessidade de sobrevivência da nação frente às ameaças contra sua ideologia.

A queda de Berlim pelos exércitos aliados foi um dos marcos da derrocada do eixo, tendo o Japão o último bastião da antiga aliança. A derrota alemã representou uma oportunidade para americanos e soviéticos adquirirem tecnologia, que não eram de seu domínio, e avançarem muitos anos de pesquisa tecnológica diretamente para produção.

A invasão de Berlim, principalmente pelos americanos e soviéticos, gerou uma corrida pelos espólios de guerra, visto que era de conhecimento geral as tecnologias avançadas em poder dos nazistas, principalmente suas inovações na área de armas de guerra, como a bomba V2, primeira bomba guiada, e o *Messerschmitt Me 262*, primeiro avião propulsado à jato.

Chegar primeiro a Berlim se tornou de suma importância, pois permitiria ao primeiro conseguir os espólios mais úteis ao país, gerando um maior salto tecnológico para aquela nação.

EUA e URSS foram os primeiros a alcançar Berlim, porém seguiram estratégias diferentes acerca do recolhimento dos seus espólios.

Os americanos chegaram depois dos soviéticos, portanto, não existia muitos recursos para capturar, foi colocado em prática um método diferente. Os EUA passaram a dar asilo político para os cientistas nazistas, os quais se declaravam inocentes e que apenas seguiam ordens do regime nazista. O abrigo fornecido pelos americanos permitiu que o conhecimento técnico acerca de muitas áreas tecnológicas fosse internalizado junto com os cientistas.

Um grande expoente dessa prática foi o cientista de foguetes Wernher Von Braun, que passou a morar nos EUA e trabalhar na NASA. Ele foi um dos projetistas do foguete Saturno V, responsável por levar o homem à lua. Anteriormente a esse marco na história da humanidade, o cientista trabalhou nas pesquisas para o desenvolvimento dos mísseis intercontinentais americanos, que se tornaram um dos símbolos da Guerra Fria.

Os soviéticos, por sua vez, conseguiram tomar os projetos que ainda não tinham sido destruídos. Os soviéticos recorreram a engenharia reversa e a espionagem com o objetivo de entender o funcionamento dos projetos, eventuais aperfeiçoamentos de problemas crônicos dos projetos além de revitalizações tecnológicas.

A diferença marcante entre americanos e soviéticos, segundo Biagi (2001) era que os primeiros estavam sempre à frente, no que tange tecnologias de guerra. As armas iam sendo desenvolvidas pelos americanos, que as colocavam em uso e então a URSS reagia lançando uma arma de poder equivalente.

Os Estados Unidos apresentaram seu artefato nuclear, lançando-o sobre o Japão. O ataque americano além de alcançar seu objetivo primário, que era fazer o império do sol nascente desistir da guerra, também serviu como demonstração de força.

Stalin então determinou o desenvolvimento de artefato semelhante pela URSS. Alcançando o feito em 1949, no campo de provas no Cazaquistão.

Como resposta aos soviéticos, os americanos lançaram, em 1952, a Bomba H, que era uma evolução da bomba nuclear. Novamente os soviéticos saíram atrás e desenvolveram também sua bomba de hidrogênio em 1955.

A corrida armamentista entre as duas superpotências gerou então uma sensação de tensão em todo o mundo, pois acreditava-se que poderia acontecer um ataque nuclear a qualquer momento que levaria a destruição do planeta.



Figura 2: Corrida armamentista

Fonte: Carranza, 2015

A charge de 2015 feita por Pablo Carranza representa a disputa americano-soviética pela vantagem militar que existia no período da Guerra Fria. Nesse período, a potência que estivesse na liderança tinha condições de influenciar uma maior área do mundo.

O resultado dessa disputa, segundo Reichel (2004), foi uma escalada de tensão. EUA e URSS detendo poder militar para destruírem-se acabaram por nunca se enfrentar, dando origem à guerra de procuração. Ela consistia em usar países menos expressivos para guerrear, entre si, pelos ideais das potências apoiadoras, as quais supriam de equipamentos militares, dinheiro e treinamento

A grande diferença tecnológica entre EUA e URSS durante os primeiros anos da guerra, gerou a corrida tecnológica na área de armamentos. O resultado dessa concorrência foi a criação da ideia de embate iminente entre elas, as quais definiram o mundo do século XX.

### 2.3 Expansão comunista

Segundo Magnolli (2004), após Lênin, a Revolução Russa teve dois grandes idealistas e líderes do movimento: Stalin e Trotsky. O primeiro acreditava que a revolução deveria ser limitada ao território soviético. O segundo ia de encontro ao ideal stalinista, defendendo que o comunismo deveria se expandir por todo o mundo, ele seguia a linha de pensamento de

Lênin, acreditando que estavam apenas aumentando a rivalidade entre capitalistas e comunistas na Europa.



Figura 3: Lênin

Fonte: Kitani, 2013

Lenin foi o principal articulador da revolução russa de 1917, ele foi responsável pela mobilização da sociedade russa (MAGNOLI, 2004), com o objetivo de derrubar o governo recém instaurado e colocar em seu lugar um estado do proletariado. A charge de 2013 acima, representa a disputa que foi iniciada após a morte do líder da revolução.

O falecimento de Lênin criou a necessidade da troca de lideranças na URSS, mas apesar da preferência, expressa por ele antes de sua morte, por Trotsky, Stalin tomou o poder e passou a colocar suas ideologias em prática.

Magnolli (2004) entendia as políticas desses líderes da seguinte forma:

O stalinismo defendia o socialismo de um único país, de modo que então não havia nem a necessidade e nem o desejo de se expandir o comunismo pelo mundo.

Já Trotsky acreditava que a revolução deveria se expandir para todo mundo, com a URSS funcionando como fonte de apoio para países que desejavam se rebelar contra a influência americana.

Apesar da ideologia stalinista não contemplar a expansão do comunismo pelo globo, a atuação americana no mundo se baseava no perigo dos soviéticos aumentarem sua influência nos continentes e dessa maneira passar a ser a ideologia dominante no mundo.

A visão americana sobre os soviéticos está explicitada no extrato a seguir retirado da Revista de História Nacional:

Muitos dos pensadores ocidentais, engajados na luta contra a expansão do comunismo, tenderam a culpar necessariamente os soviéticos pela Guerra Fria. Muito deste direcionamento foi devido ao pensamento do embaixador norte-americano na União Soviética,

George Kennan, que via a União Soviética como uma nação expansionista dedicada a destruir o capitalismo, [...] (BIAGI, 2001, p.73)

O extrato exemplifica claramente a visão americana, que defendia a ideia que os soviéticos eram uma nação expansionista, acerca das intenções soviéticas, porém segundo Biagi (2001), que se baseia em Deutscher (1969), a URSS não tinha condições de provocar e manter uma guerra e também estava satisfeita com sua esfera de influência.

A União Soviética, na época, não tinha condições econômicas de se expandir, pois suas fábricas estavam destruídas, a população empobrecida e com dificuldades para sua subsistência era necessário, portanto, a reestruturação interna da URSS era prioridade, antes de pensar na expansão de seus ideais. Além da incapacidade da economia de apoiar revoluções pelo mundo, Stalin não compartilhava da ideia de um comunismo espalhado pelo mundo, preferia centrar-se na própria União Soviética (BIAGI, 2001).

O conhecimento das condições da URSS e da sua falta de interesse na alegada expansão comunista, criou nos americanos a necessidade de um argumento para sua política anticomunista e suas interferências pelo globo. A resposta para suprir a carência americana foi o documento de George F. Kennan.

#### **2.4 Kennan: A justificativa americana**

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, como dito anteriormente, a rivalidade americano-soviético surgiu e com ela a necessidade de se justificar as ações contra o inimigo, sejam eles americanos ou soviéticos.

Kennan foi um diplomata que trabalhou na embaixada americana em Moscou durante dois anos, no período compreendido entre 1944 e 1946. Ele tinha grande conhecimento sobre a sociedade russa, tendo em vista que vinha de uma família russófila, ou seja, tinha grande interesse acerca da sociedade russa. Devido à suas qualidades e conhecimentos, qualificou-se como candidato a liderar a missão americana em solo soviético com o objetivo de estabilizar as relações entre EUA e URSS.

Durante sua estadia em Moscou, sede da embaixada americana na União Soviética, ele redigiu um documento que ficou conhecido como o “Longo Telegrama”, que tratava sobre a sociedade russa, seus costumes, crenças e

maneiras de pensar o mundo exterior. O mesmo foi responsável por formular um relatório com a análise do contexto internacional e com previsões sobre o comportamento soviético em relação ao ocidente.

O texto, com cerca de oito mil palavras, analisava a política soviética e delineava um plano de ação para o relacionamento dos EUA com a União soviética. A essência do estratagema de Kennan se baseava no reconhecimento da existência de interesses antagônicos e irreconciliáveis entre as duas potências. (MUNHOZ, 2012, p. 5).

O documento de Kennan foi usado pelos políticos americanos como base para a política externa americana, que consistia na grande repressão à expansão dos ideais comunistas. O diplomata considerava que a nação soviética era uma ameaça à hegemonia mundial americana.

As ideias contidas no telegrama foram usadas pelos políticos americanos para justificassem algumas ações impopulares no mundo, como a invasão do Vietnã por forças americanas. As ideias de Kennan foram levadas ao extremo com o intuito de convencer a população estadunidense da validade da política de *Big Policy*, a qual consistia em se tornar a polícia do mundo, ou seja, ser responsável pela segurança de vários países aliados.

Dois fatores corroboram a ideia que, não havia vontade e nem condições econômico-sociais por parte da União Soviética, para um avanço da mesma com o objetivo de expandir seus ideais.

Os fatores são: Stalin, o líder da URSS no período, pregava o comunismo de país único e também estava satisfeito com as áreas de influência sobre seu controle. Além do exposto, os americanos tinham o interesse de expandir seus negócios o máximo possível pelas regiões do globo.

O imaginário da expansão comunista se fez presente nas mentes dos capitalistas do mundo desde a publicação do Manifesto Comunista, de Karl Marx em 1848, pois se acreditava que a URSS seria uma potência agressiva e expansionista, devido à expansão do comunismo pelo mundo ser um dos princípios apresentados por Marx, porém muitos pensadores discordam:

O pensador norte-americano Gabriel Kolko também defende o argumento da criação da Guerra Fria pelos Estados Unidos. Para o autor, existiam razões internas para o governo norte-americano construir o "inimigo" soviético. Os grandes lucros da economia norte-americana entre 1939 e 1945 eram provenientes das demandas provocadas pela Segunda Guerra Mundial, demandas estas que iriam diminuir com o fim da mesma. No início de 1946, a produção industrial norte-americana teve uma queda de 30 %, o que aumentou o desemprego, situação que tenderia a ficar pior com a desmobilização das Forças Armadas. Assim, o governo de Harry S.

Truman tentou impor a hegemonia norte-americana no mundo para manter o nível de consumo e a prosperidade econômica. (BIAGI, 2001, p. 65)

O extrato do artigo contido na Revista de História Nacional, apresentado acima exemplifica a Guerra Fria como uma criação americana devido às condições políticas e econômicas internas do país. Foi preciso incentivar a economia para garantir o emprego, de modo que se incentivou o desenvolvimento da indústria bélica, que a era a mais aquecida devido ao recente término do conflito mundial.

Os autores VASCONCELLOS e MANSANI (2013) corroboram com a ideia da dependência americana no setor bélico. Eles defendem que as empresas estadunidenses que lidavam com esse tipo de produto, estabilizavam a necessidade interna do país, no que tange o nível de emprego e também tinha a função de expansão econômica e garantidora dos lucros dos países.

Esses acima acreditam que os discursos inflamados de ódio contra a URSS feitas pelos americanos se tornaram motivadores da sustentação da política econômica nacional belicista, o que por consequência acabou gerando a consolidação da hegemonia econômica americana no cenário mundial.

NOAM CHOMSKY (1996) é mais um autor que corrobora para a ideia de que o expansionismo soviético foi uma criação do governo americano, que tinha o objetivo de garantir a liberdade de ação internacional, por meio da mobilização da população contra o inimigo em comum. Além de garantir que a economia permaneceria aquecida, evitando novas crises econômicas, e como a indústria bélica era a que mais empregava mão de obra foi necessário garantir a demanda para as mesmas.

BIAGI (2001) concorda com Chomsky que defende a ideia de que a Guerra Fria foi uma construção americana, pois os governos estadunidenses precisavam de um inimigo para justificar sua repressão interna e externa. Segundo Noam Chomsky, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tomariam a prevalência econômica e cultural das antigas grandes potências.

Ainda segundo BIAGI (2001), os americanos por terem a necessidade de evitar o surgimento de outros tipos de dinâmicas política e econômicas, principalmente as independentes, passaram a intervir em diversas partes do mundo com o objetivo de suprimi-las. O comunismo era dessas novas

vertentes econômicas a mais representativa, foi o alvo principal da influência americana.

Para alcançar o sucesso da meta americana foi cunhar a imagem da União Soviética como inimigo do mundo livre e que os EUA estariam à beira de uma guerra contra eles, em favor da liberdade dos países apoiados.

Vale lembrar que o declínio econômico europeu gerou uma grande lacuna de poder e influência no mundo. EUA e URSS surgiram como principais candidatos a tomar essa lacuna. Os concorrentes tinham condições socioeconômicas completamente diferentes, tendo em vista que os EUA tinham seu parque industrial intacto e trabalhando em potência total, enquanto os soviéticos tinham tido altíssimos números de baixas e sofreu com os avanços nazistas em seu território, o que proporcionou danos a seu parque industrial.

Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando os poderes ocidentais enveredaram para a anulação das alianças, em direção ao grande conflito com seu antigo aliado soviético, era comum falar-se sobre os dois colossos, o americano e o russo, que se defrontavam hostilmente através de um vazio do poder. Presumia-se que um dos colossos, o russo, desafiava o americano, o ocidental. O que as pessoas não compreendiam, e que os Governos não lhes comunicavam, era que, desses dois colossos, um - o americano - emergiu da Segunda Guerra Mundial com vigor e força total (...); enquanto o outro colosso - o russo - jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas. E era esse colosso branco sangrante, quase aniquilado, que se supunha criar uma grande ameaça militar para a Europa. (DEUTSCHER, 1969, p. 15 apud BIAGI, 2001, p. 64)

O extrato, além de lidar com a questão da lacuna de influência deixada pela Europa, também trata da URSS que ao fim da Segunda Guerra Mundial encontrava-se satisfeita com sua área de influência, além de não se encontrar em condições de competir com os EUA por novas áreas, tendo em vista que os soviéticos estavam muito debilitados pelas consequências da guerra e os estadunidenses conservaram sua infraestrutura ileso.

Apesar dos analistas americanos terem ciência de que os soviéticos não tinham interesse em expandir seus ideais, eles defendiam que os comunistas planejavam aumentar sua área de influência (LEFFLER, 1995).

LEFFLER (1995) defendia que era muito difícil os soviéticos pensarem em expansão, pois isso inclui também financiar economicamente movimentos de revolução pelo mundo, no entanto, a União Soviética não tinha condições econômicas para tal.

Ainda que para esse autor, o líder da URSS, Stalin, foi um dos grandes garantidores do capitalismo na Europa ocidental, tendo em vista suas ações de

controle em relação à movimentos revolucionários, de maneira a tentar controlá-los de modo a evitar maiores tensões com os americanos.

Os soviéticos não tinham condições econômicas de se expandir devido aos danos, sociais e econômicos, sofridos na campanha da Segunda Guerra Mundial. A prioridade era reconstruir o país e impedir os problemas internos.

O imaginário da expansão comunista gerou diversas reações americanas, porém foram medidas que tinham como objetivo fidelizar países que na ideia americana, poderiam ser recrutados pelos soviéticos. A principal área que se temia, cair na influência soviética era a Ásia.

Kennan considerava a URSS, como “muito fraca para arriscar-se a uma nova guerra para ampliar sua influência sobre os países democráticos, ...” (PENNACHI, 2007, p.2), porém acreditava ser possível a expansão desses ideais por meio das lideranças dos partidos comunistas da região asiática.

Assim como a Europa, a Ásia, segundo PENNACHI (2007), era uma região fértil para a expansão comunista, tendo em vista que, após a Segunda Guerra mundial, os países da região se encontravam em grandes dificuldades financeiras e sociais, que facilitavam o surgimento de movimentos revolucionários que buscavam apoio soviético.

## **2.5 Planos Econômicos**

A Doutrina Truman e o Plano Marshall surgiram no âmbito do temor estadunidense em relação a uma possível expansão da influência soviética.

Externada a guerra ideológica e geopolítica entre os EUA e a URSS, principalmente após a preocupação pioneira de Winston Churchill, primeiro estadista a perceber o avanço comunista; em 12 de março de 1947, Truman pronunciou diante do Congresso estadunidense a sua doutrina instada a "defender o mundo capitalista contra a ameaça comunista". Tal Doutrina marcou, de fato, o início das disputas geopolíticas da Guerra Fria, e ela foi aprofundada com o anúncio do secretário de Estado, George Marshall, de um plano que visava o apoio econômico e militar dos EUA à Grécia e à Turquia, e a outros países europeus – denominado de Plano Marshall. (XAVIER, 2010, p. 6)

A primeira foi pensada para a Europa e adaptada para a Ásia, o que explicou seu sucesso parcial em evitar a concretização da teoria do Dominó, a qual consistia na afirmação de que caso um país se tornasse comunista, todos os demais que estivesse na região culminariam na troca de tipo de governo. A Doutrina Truman que era como uma declaração de guerra ao comunismo

previa que os americanos deviam combater os ideais soviéticos em qualquer lugar onde ele estivesse ameaçando o desenvolvimento do capitalismo.

Doutrina essa que foi desmentida, segundo Biagi (2001), principalmente pelas atitudes soviéticas em relação à movimentos revolucionários, pois a URSS buscava sempre controlar tais insurreições, como por exemplo no caso da revolução social chinesa, para evitar o aumento das tensões com os EUA e definindo um “passo-a-passo” para a revolução comunista de maneira que se



tornasse um processo gradativo.

Figura 4: Teoria do Dominó

Fonte: <https://www.tes.com/lessons/bQilA0uhcgWjoQ/copy-of-domino-theory>

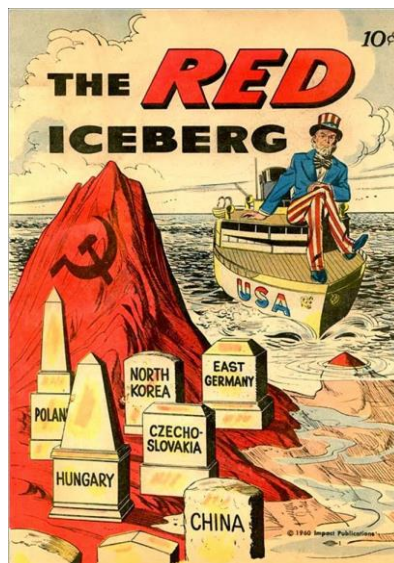


Figura 5: O iceberg vermelho

Fonte: [www.pinterest.co.uk/393431717424230247,1960](http://www.pinterest.co.uk/393431717424230247,1960)

As figuras acima representam a teoria do Dominó, fonte de grande preocupação para os americanos. A união ao comunismo dos países, como por exemplo os representados na imagem, recém destruídos pela guerra e com oportunidades de retorno financeiro para os EUA, materializar-se-ia como uma grande oportunidade de lucro perdida. As empresas estadunidenses poderiam

atuar nesses países em desenvolvimento, conseguindo mão de obra barata e oportunidades para aumentar suas operações e por consequência seu lucro.

A preocupação com uma possível expansão comunista era tão intensa que foi se criado uma história em quadrinhos (HQ) que buscava conscientizar as crianças americanas do perigo do comunismo, a figura 5 representa a capa dessa HQ, foi publicado pela editora *Impact* e distribuída em diversas escolas católicas.

O Plano Marshall tinha a recuperação econômica europeia como objetivo e buscava fidelizar os capitalistas europeus ao EUA por meio de empréstimos para reconstrução dos países. Os americanos tinham especial interesse nesse movimento, pois durante a guerra essas nações já haviam contraído diversas dívidas com os americanos. Como citado na monografia, no caso de uma revolução socialista, fatalmente esses países endividados não honrariam seus compromissos com os americanos, gerando um grande calote e possivelmente uma crise econômica que os EUA buscavam evitar.

Stalin tinha o objetivo de evitar que os países do leste europeu, seus aliados de longa data, passassem para o lado americano, o que proporcionaria aos EUA, uma vantagem estratégica em uma eventual guerra contra a URSS. A maneira de manter esses aliados perto era lançar um plano de ajuda econômica similar ao Plano *Marshall*, porém sobre controle dos soviéticos.

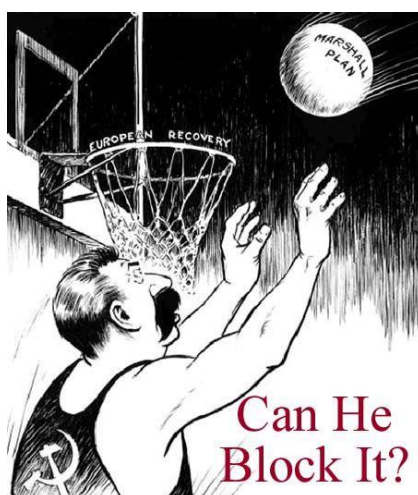


Figura 6: Stalin vs Plano *Marshall*

Fonte: <https://warinsights.wordpress.com/2016/05/13/cold-war-which-side-are-you-on/>. 2016

A imagem desenhada por Edwin Marcus e publicada no *New York Times* em 1947 representa Stalin como um jogador de basquete. Na bola encontra se

escrito *Marshall Plan*, o que em tradução livre significa Plano Marshall, na cesta está escrito “recuperação europeia” e na pergunta no canto direito, está escrito “Ele pode bloquear isso? ”.

Tendo em mãos a tradução livre da charge é possível depreender seu sentido. Nessa imagem, o chargista quis criar uma dúvida acerca da capacidade de Stalin de bloquear o plano de recuperação econômica da Europa. Vale ressaltar que tal plano foi oferecido também para a URSS e seus países satélites, porém todos foram obrigados por Stalin a não aderir a essa ajuda econômica, gerando posteriormente o COMINFORM (Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários", tradução livre), que foi uma espécie de ajuda econômica soviética para países sobre sua influência.



Dorman Smith in The Phoenix Gazette, N.E.A.  
"He's finally getting the hang of it."

Figura 8: Plano *Marshall* e Europa

Fonte: <https://www.pinterest.co.uk/pin/32369691049505292/>

Nessa outra imagem feita por Dorman Smith e publicada no jornal “*The Phoenix Gazette*”, o senhor que ajuda a pessoa de bicicleta representa os pagadores de impostos americanos, o ciclista, a Europa, a bicicleta é o Plano *Marshall*.

A charge trata de uma crítica ao plano do secretário de estado americano, George Marshall. Os cidadãos dos EUA acreditavam que a ajuda deles para Europa, se tratava de um desperdício de recursos do povo americano com países estrangeiros, porém os políticos americanos sabiam que auxiliar a reconstrução econômica europeia era essencial para garantir a existência desses países, evitando, segundo PENNACHI (2007), que se rendessem ao comunismo e supostamente deixassem suas dívidas com os americanos em aberto.

## 2.6 A propaganda antissoviética

A guerra fria foi pautada na propaganda de superioridade e no medo da destruição, logo todo avanço tecnológico era consagrado como um passo na frente do inimigo, de modo que o lançamento do *Sputnik*, por exemplo, acabou se tornando uma marca da vitória soviética em relação aos americanos, pois revelava a superioridade da URSS no campo científico.

Tendo como objetivo de seduzir os países periféricos, as duas superpotências buscavam demonstrar sua superioridade além de demonizar o inimigo, atribuindo-lhes todos os problemas enfrentados por eles. Nesse âmbito, surge a propaganda que tinha a missão de trazer novos integrantes para suas fileiras de aliados.

Espalhando seus ideais anticomunistas pelo mundo, os EUA conseguiram criar diversas alianças que além de militares eram também econômicas, de maneira que conseguiam evitar a superprodução, que como dito anteriormente, era a preocupação principal dos americanos.

A grande arma de disseminação anticomunista era Hollywood, segundo VALIM (2006) pois seus filmes tinham grande aceitação em todo o mundo e as mensagens de repúdio ao comunismo, que eles continham e eram assimiladas rapidamente pelas sociedades ao redor do mundo.

A guerra psicológica dos americanos se revelou na melhor arma contra a alegada expansão soviética. Os meios de comunicação cada vez mais eficientes levavam sua propaganda para todos os cantos do mundo gerando insatisfação e críticas internas a ideologia soviética.

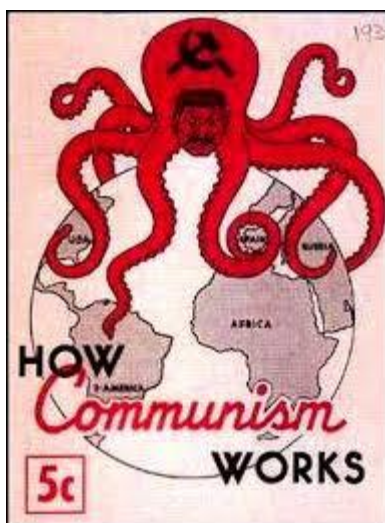


Figura 9: Como o comunismo funciona?

Fonte: <http://communismdiscussionhumanities.blogspot.com/2015/03/look-through-posters-to-what-extent-do.html>

Os EUA com sua política de difamar a URSS, se tornaram o que criticavam. Os americanos passaram a expandir suas influências, assim como alegavam que os soviéticos faziam com o mundo. A imagem do polvo que estende seus tentáculos pelo mundo é a representação da visão do americano sobre a expansão do comunismo pelos países enfraquecidos pela guerra.

Muitos autores, como Kolko (1994), Chomsky (1996) e Leffler (1995) defendem que as propagandas antissoviéticas feitas pelos americanos não objetivavam realmente impedir o avanço, pois os comunistas, como vimos, não aspiravam a expansão de sua área de influência. Contrariamente à crença estadunidense, de que a máquina de expansão soviética buscava dominar o mundo por meio da propagação de suas ideias, os “vermelhos”, termo usado em referência cor dos uniformes do exército russo e também por ser a cor representativa do socialismo, estavam satisfeitos com as áreas sobre seu comando e os mesmos até buscavam controlar os movimentos de revolução no mundo de maneira a diminuir as tensões com os EUA.

Então a manipulação da sociedade foi usada pelos americanos para o domínio ideológico, o que fez com que, os meios de comunicação se tornarem essenciais para disseminação de ideias capitalistas.

As distancias foram cada vez mais reduzidas pelos avanços das tecnologias da comunicação, com o objetivo de garantir uma maior difusão dos ideais pelo mundo. Nesse período foram registradas as primeiras guerras cobertas por jornalistas e a expansão da cultura americana pelo mundo.

Na Guerra Fria, a disputa por áreas de influência era tratada com grande preocupação, a facilidade da propaganda se tornou essencial para o sucesso do país beligerante.

A garantia de diversas áreas de influência, trazia a possibilidade de escoar a produção, não só industrial como cultural na região de modo a fidelizar cada vez mais aquela sociedade, garantindo a permanência no país e o acesso ao mercado consumidor.

A América latina sempre foi considerada pelos EUA como sua área de influência, portanto, o *American way of life* sempre foi muito forte na sociedade latina. O grande poder de persuasão americano, por exemplo no caso do povo brasileiro, foi resultado do desenvolvimento dos jornais de grande circulação,

que publicavam em sua maioria notícias americanizadas, ou seja, apenas mostrava o lado americano das informações.

Os jornais eram uma das maneiras de influenciar a sociedade, outra arma importante foi, segundo Valim (2006), o cinema. *Hollywood* era um grande meio de distribuir os ideais capitalistas americanos por todo o mundo, tendo em vista que o cinema estadunidense era bem aceito na América Latina.

Os leitores, geralmente, liam as notícias do mundo sob a ótica da imprensa norte-americana, que expressava os interesses de seu país e a sua visão de mundo. Mesmo quando um acontecimento ocorria na América Latina, até mesmo num país vizinho do Brasil, as notícias publicadas eram escritas pelos correspondentes dessas agências, que as remetiam à sede nos Estados Unidos e esta, por sua vez, as distribuía aos clientes. (REICHEL, 2004, p. 194)

O extrato acima trata da situação da imprensa brasileira, a qual se tratava de um exemplo da influência estadunidense na América Latina. Nesse período, os leitores do Brasil não tinham a oportunidade de ler notícias, que não haviam passado pelo crivo da imprensa americana.



Figura 9: Propaganda Americana

Fonte: Sputnik, 2015

A imagem desenhada por Vitaly Podvitsky e publicada no portal eletrônico *Sputnik* apesar de ser atual representa muito bem a tática de enfrentamento usada pelos americanos durante Guerra Fria. No período citado, os EUA utilizavam a propaganda para causar medo na sociedade com o objetivo de manobrar a opinião pública, evitando críticas e oposições, em momentos que eram necessárias medidas de baixa popularidade, como aumento dos impostos.

Hollywood, como já dito anteriormente, foi um dos grandes veículos da propaganda anticomunista. Diversos exemplares de filmes como: Rocky Balboa, James Braddock, Rambo e diversos outros que tinha a função de

representar os soviéticos como o mal, o que nos filmes refletia na apresentação dos comunistas como vilões. Em contrapartida os heróis dos filmes representavam todos os ideais americanos como: liberdade, o *American Way of Life*, a bondade entre outros, logo, os americanos eram trazidos às telas como os heróis que iriam combater o mal.

O Brasil, segundo Valim (2006), foi um dos lugares que mais sofreu a influência americana, principalmente pela presença cultural americana em território nacional, em virtude da penetração dos filmes de *Hollywood* no imaginário da sociedade.

As relações russas brasileiras foram cortadas no ano que ocorreu a revolução bolchevique, que culminou na saída da Rússia da primeira guerra mundial. A revolta russa foi encarada como uma ajuda a Alemanha, pois os germânicos passaram a só precisar lutar em uma frente durante a Primeira Guerra Mundial.

Além do viés da guerra, a imagem da luta de classes, segundo VALIM (2006), era deveras negativa na sociedade brasileira, pois ela poderia vir a inflamar movimentos semelhantes no Brasil, o que não era da vontade da classe dominante.

As relações entre Brasil e Rússia tentaram ser retomadas em alguns períodos, principalmente em 1929, quando da crise americana, o governo brasileiro necessitava aumentar seu mercado de exportações. Nesse evento a ala anticomunista do governo, venceu os apoiadores do então presidente, Getúlio Vargas bloqueando a retomada das relações.

No ano de 1937, um plano de ataque ao presidente do Brasil, Getúlio Vargas, foi exposto pela mídia. O documento foi chamado de Plano Cohen consistia em uma possível insurreição controlada pelos comunistas, com o objetivo de derrubar o presidente e gerar agitação na sociedade. (MEZZARROBA,1992)

A descoberta desse plano levou à declaração do estado de guerra, permitindo a Vargas alterar a constituição e continuar como presidente após 1938, o que não seria possível devido ao fato de sua reeleição ser anticonstitucional.

Em 1945, o General do Exército Goes Monteiro revelou que o plano se tratava de uma farsa, que tinha como real objetivo criar condições propícias à rápida aceitação do golpe de estado praticado por Getúlio Vargas.

O Plano Cohen é um exemplo do anticomunismo no Brasil, apesar de se tratar de uma farsa, ele influenciou o medo das pessoas de forma a aceitar as vontades da classe política brasileira. Caso o comunismo não fosse percebido como ameaça pelos brasileiros, o estratagema não funcionaria, tendo em vista que os “vermelhos” não representariam perigo para a sociedade.

Com a eclosão da Segunda Guerra mundial e devido a outros interesses de Vargas, o Brasil se viu obrigado a romper laços com a Alemanha e postou-se ao lado da aliança. A situação gerou uma situação incômoda na política brasileira, que até então era contra os comunistas, culminando no afrouxamento da repressão aos partidários do comunismo no Brasil.

Ao fim da Segunda Guerra, com as relações americano-soviéticas sendo cortadas, novamente as relações brasileiras com os russos foram encerradas e toda a repressão aos comunistas foi retomada. A repressão foi uma realidade em todos os países que tinham a influência americana em seus governos.

### 3. CONCLUSÃO

O presente trabalho monográfico trata do período pós-Segunda Guerra e da Guerra Fria. O tema que foi discutido nesse trabalho foi baseado na seguinte hipótese: “expansionismo comunista foi uma criação do governo americano, que se aproveitava dessa situação para justificar suas ações interna e externamente.”

No desenrolar da revisão bibliográfica foram analisadas diversas fontes que corroboraram para o julgamento da tese. A análise se deu em documentos, livros e artigos que tratam sobre o referido assunto e que trazem uma imagem sobre as relações entre EUA e URSS durante a Guerra Fria.

Os objetivos que foram propostos na introdução foram alcançados, pois realizamos uma revisão bibliográfica dos textos do período e também permitimos que o leitor deste trabalho pudesse conhecer um conflito ideológico recente, que até os dias de hoje ainda reflete na polaridade mundial.

A necessidade de escoamento da produção industrial americana forjou a necessidade da criação de um inimigo. O setor bélico da indústria estadunidense, a área mais destacada da produção industrial deste país, influenciava fortemente a política.

A criação do imaginário da expansão comunista foi então apenas a satisfação de uma necessidade da indústria americana, que precisava vender sua produção evitando que os produtos não fossem comercializados gerando recessão e por fim uma nova crise econômica.

A necessidade de se forjar um inimigo para os EUA, se deu devido a necessidade de influenciar em diversas áreas do mundo, principalmente devido a necessidade de mercados consumidores para os produtos e pelas diversas oportunidades de retorno financeiro que os países em desenvolvimento e reconstrução ofereciam.

O governo americano precisava reagir aos anseios dos industriais, porém ao mesmo tempo não podiam desagradar seus eleitores. A solução encontrada foi engajar a sociedade contra um inimigo em comum, que fosse ameaçar a segurança americana e seus ideais. Tendo posto essa estratégia, os políticos receberam apoio de sua população para intervir em diversas partes do mundo, muitas vezes com ações questionáveis e imperialistas, porém como

a sociedade acreditava que todas as atitudes eram para impedir o avanço do comunismo, elas eram apoiadas e reverenciadas.

O expansionismo soviético, portanto, foi uma criação dos americanos e tinha o objetivo de ser usado como um instrumento com para unir a sociedade e a opinião pública interna e externa, aos interesses do governo americano para validar ações imperialistas americanas por todo mundo, como: invasões de países, deposição de presidentes entre outras ações em nome da liberdade e na defesa do capitalismo.

Os soviéticos na verdade não tinham interesse em expandir sua área de influência, devido as suas deficiências econômicas, que não permitiam a ela financiar movimentos de ideais parecidos pelo mundo, sendo necessário reestabelecer a infraestrutura e a sociedade interna primeiro.

A situação começou a mudar na Guerra do Vietnam, onde os americanos passaram a ser mais críticos em relação às atitudes externas americanas. A perda do apoio da sociedade levou a retirada dos americanos desta guerra e eu sugiro para futuros estudos a derrocada da imagem do expansionismo comunista e sua influência nos conflitos posteriores.

O assunto da pesquisa não se dá por encerrado apenas com esse trabalho, ainda existe diferentes ramos que podem ser explorados, perguntas como: Existiu a real possibilidade de guerra nuclear entre EUA e URSS? E quais são as consequências das ações dos Estados Unidos e da União Soviética no mundo da época e atual?

Os assuntos citados acima podem servir de foco para novos estudos, que podem contribuir para que os militares estejam mais instruídos sobre a história do mundo moderno e seu contexto político.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C., **Meios de Comunicação como armas de guerra**. João Pessoa, PB, 2001.  
Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/azevedo-carlos-comunicacao-armas-guerra.pdf>>. Acesso em: 19 de fev. 2018, 7:47:00.
- BIAGI, O. L., **O Imaginário da Guerra Fria**. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p.61-112, verão 2001.  
Disponível em:  
<<http://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/2119/1600>>. Acesso em: 06 fev. 2018, 08:30:00.
- BLAINEY, G., **Uma Breve História do Mundo**. Curitiba: Fundamento, 2004, p. 165-181.
- DE LA PAZ, G., **Los arquitectos de la Guerra Fría**. *CONfines relaciones Internacionales y ciencia política*, maio, 2010, vol.6, no.11, p.111-115.  
Disponível em: <<http://confines.mty.itesm.mx/articulos11/PazG.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2018, 09:00:00.
- HOBBSAWN, E. J., **Era dos Extremos**. Tradução: Marcos Santarrita. Revisão Técnica: Maria Célia Paoli. In: *Era de ouro*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 178-201.  
Disponível em:  
<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4071685/mod\\_resource/content/1/Era%20dos%20Extremos%20%281914-1991%29%20-%20Eric%20J.%20Hobsbawm.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4071685/mod_resource/content/1/Era%20dos%20Extremos%20%281914-1991%29%20-%20Eric%20J.%20Hobsbawm.pdf)>. Acesso em: 06 fev. 2018, 10:31:22.
- MAGNOLI, D., **Relações Internacionais: Teoria e História**. 1º Ed. São Paulo: Saraiva Editora, 2004. p. 128-225.
- MAGNOLI, D. et al. (Org.). **História das Guerras**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 384-411.
- MEZZARROBA, O., **Plano Cohen: a consolidação do anticomunismo no Brasil**. Revista CCJ, Blumenau, n. 24, p. 92-101, set. 1992.  
Disponível em: <<http://150.162.138.5/portal/sites/default/files/anexos/1013-1027-1-PB.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018, 14:15:00.
- MOTTA, R. P. M., **O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS**. Locus, Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 227-246, jan. 2007.  
Disponível em:  
<<https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/download/2231/1592>>. Acesso em: 05 mar. 2018, 8:50:00.
- MUNHOZ, S. J., **Kennan e a política externa dos EUA durante a guerra fria**. Boletim do Tempo Presente, Sergipe, n. 02, p. 1-13, set. 2012.  
Disponível em:  
<<https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/4226/3491>>. Acesso em: 20 jan. 2018, 08:10:20.

NYE, J. S., **American Hegemony or American Primacy?** Project Syndicate, mar. 2015.

Disponível em: < [https://www.project-syndicate.org/commentary/american-hegemony-military-superiority-by-joseph-s--nye-2015-03?a\\_la=english&a\\_d=54fd89b1bc1f570750d55067&a\\_m=&a\\_a=click&a\\_s=&a\\_p=%2Fcolumnist%2Fjoseph-s--nye&a\\_li=american-hegemony-military-superiority-by-joseph-s--nye-2015-03&a\\_pa=columnist-commentaries&a\\_ps=>](https://www.project-syndicate.org/commentary/american-hegemony-military-superiority-by-joseph-s--nye-2015-03?a_la=english&a_d=54fd89b1bc1f570750d55067&a_m=&a_a=click&a_s=&a_p=%2Fcolumnist%2Fjoseph-s--nye&a_li=american-hegemony-military-superiority-by-joseph-s--nye-2015-03&a_pa=columnist-commentaries&a_ps=>). Acesso em: 28 mar. 2018, 10:00:00.

PENNACCHI, A. M. T., **George F. Kennan e a política de “contenção” da Guerra Fria**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

Disponível em:

<[http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA\\_IX/Andrea-Pennacchi.pdf](http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_IX/Andrea-Pennacchi.pdf)>. Acesso: 07 fev. 2018, 09:25:30.

REICHEL, H. J., **O “Perigo Vermelho” na América Latina e a Grande Imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria (1947-9155)**. 2004. 20f. Dissertação (Pós-graduação em história) – UNISINOS, São Leopoldo, 2004.

Disponível em:

<[http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=download&path%5B%5D=207&path%5B%5D=pdf\\_186](http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=download&path%5B%5D=207&path%5B%5D=pdf_186)>. Acesso em: 02 fev. 2018, 20:30:45.

VALIM, A. B., **"Imagens vigiadas: uma história social do Cinema no alvorecer da guerra fria, 1945-1954"**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 10, n. 1, 2006, p. 197-200. Editorial Universidade Estadual de Maringá.

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526864016>> Acesso em: 20 de fev. 2018, 8:13:00.

VASCONCELLOS, Carlos-Magno E., MANSANI, Roberta de Souza. **As conferências internacionais de Yalta e Potsdam e sua contribuição à construção da hegemonia econômica internacional norte americana no capitalismo do pós-2ª Guerra Mundial**. Relações Internacionais no Mundo Atual, Curitiba, v. 2, n. 18, p. 41-55, 2013.

Disponível em:

<<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/download/731/557>>. Acesso em: 21 fev. 2018, 15:27:00.

WERNER, A. H. & COMBAT, F. L., **História Viva e História objetivada: George F. Kennan e o Plano Marshall**. História Social, Campinas, nº13, p.173 – 193, 2007.

Disponível

em:

<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/216/208>>. Acesso em: 07 fev. 2018, 21:25:50.

XAVIER, F. O., **Episódio da Guerra Fria: Seu Início, Meio e Fim.** 2010.  
Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/wp-content/uploads/2016/10/diartigos51.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2018, 14:50:00.